

A METAMORFOSE DE MEDEIA NA ARGONÁUTICA DE APOLÓNIO DE RODES

MEDEA'S METAMORPHOSIS IN THE ARGONAUTICA
BY APOLLONIUS RHODIUS

Ana Alexandra Alves de Sousa*
Universidade de Lisboa

RESUMO

A bárbara Medeia torna-se progressivamente uma mulher grega na *Argonáutica* de Apolónio de Rodes. Para esta metamorfose é fundamental a morte de Absirto, pois o jovem ia no encalço dos argonautas na qualidade de tutor legal, *ἀοσητήρ* (4.406), da irmã. Depois da sua morte elimina-se o obstáculo jurídico ao casamento de Medeia e é possível o apoio de Alcínoo. É em Drépano que ficamos a saber que a filha mais nova de Eetes deixou de ser um elemento estranho e uma bárbara aos olhos dos gregos. O juramento pela vida da princesa (4.1055-1057) que os argonautas fazem, de espada em punho, confirma o seu novo estatuto. Mais tarde, diante do gigante de bronze (4.1660-1661), ela surge na sua nova posição, enfatizada pelo gesto de Jasão que lhe dá a mão para atravessar o barco (4.1663). Medeia torna-se, ao mesmo tempo, argonauta e grega, sem nunca dissimular a sua natureza de feiticeira (4.1677). O nosso propósito é, portanto, destacar esta metamorfose, que principia com a morte de Absirto.

PALAVRAS-CHAVE

Morte de Absirto; Medeia; metamorfose

Medeia é a filha de Eetes, o cruel rei da Cólquida, país longínquo que recebe o nome de Ea (2.417,422) no poema épico do século III a.C. da autoria de Apolónio de Rodes, intitulado *Argonáutica*. A jovem princesa apaixonou-se por Jasão, filho de Éson e chefe dos argonautas, que navegam em demanda do velo de ouro (1.245). Pélias, rei de Iolco, fora avisado por um oráculo de que se acautelasse contra um homem que haveria de chegar calçado com uma só sandália. Por isso impôs a busca do velo de ouro a Jasão, que entrara no seu reino como o oráculo descrevera (1.3, 5-17). Conhecedora de magia, devota da deusa Hécate (3.477-478), Medeia ajuda o Esónida

* alexandra.a.sousa@sapo.pt

a superar as provas que Eetes lhe impõe (3.737-739), encanta a serpente que guarda o velo (4.146-ss.) e parte na nau grega (4.104). O barco em que navegam é extraordinário: construído com a ajuda da deusa Atena (1.111-112), é veloz (2.930-935), sólido (1.4) e tem uma trave que fala (1.526). A partir do seu nome, Argo, que deriva do nome do seu construtor (Argo, o Arestórida), designam-se todos os que fazem parte da expedição: os argonautas.

Calcíope é a irmã mais velha de Medeia. Ela é viúva de Frixo, o filho de Átamas, rei de Orcómeno, que chegara como fugitivo. Para escapar ao ódio da madrasta Ino (2.1181) e aos intentos mortíferos do pai, Frixo foge montado num carneiro alado (2.654, 1143-1144), dotado de voz humana (1.257-258). Ao chegar a Ea, sacrifica o animal a Zeus Crónida, de acordo com as ordens do mesmo (2.1146-1147), e é recebido hospitaleiramente por Eetes, que lhe entrega Calcíope em casamento (2.1147-1149). Aos quatro filhos que tivera de Calcíope pedira, ao morrer, que fossem a Orcómeno reclamar a herança (2.1093-1096).

Absirto, o terceiro filho de Eetes, recebe da juventude colca o nome de Faetonte (3.245-246). É auriga de seu pai (3.1235-1236; 4.224-225), que nele tem grande confiança (3.604). No momento em que os gregos partem com o velo e a sua irmã mais nova, Medeia, ele chefia uma das duas expedições de resgate (4.305-306). O respeito para com os deuses impede-o de, em plena perseguição, ocupar as ilhas de Ártemis (4.333-334). As suas características parecem torná-lo uma “imagem-espelho” de Jasão,¹ também ele jovem, piedoso,² admirado e respeitado.³

É morto à traição numa cilada noturna. Seduzido por oferendas diplomáticas, enviadas pelos argonautas, em nome de um falso acordo (4.422), persuadido pela notícia que a irmã lhe fizera chegar de que fora forçada a embarcar (4.440-441) e atraído por poderosas drogas, dolosamente espalhadas nos ares e nos ventos (4.442-443), o jovem dirige-se sozinho ao local de encontro combinado (4.456-458). Aí julga obter a prova das intenções da irmã quando combina com ela os pormenores de um arдил contra os gregos (4.462-463). Mas, nesse momento, Jasão, que estava emboscado, mata-o traiçoeiramente (4.464-465).⁴

¹ BYRE. *The killing of Apsyrtus*, p. 12.

² Lembremos que Jasão, antes de partir, consulta o oráculo de Delfos (1.209-210) e sacrifica a Apolo (1.353-355), construindo um altar ao deus (1.359-362).

³ Sobre a eleição de Jasão como chefe da expedição cf. HUNTER. *Short on heroics: Jason in the Argonautica*, p. 442; MORI. *The politics of Apollonius Rhodius' Argonautica*, p. 52-53, p. 64-74. No passo em que os argonautas elegem o seu chefe, Jasão recebe o epíteto de ἀρήιος (1.439; cf. 2.122 e 3.1259-1261), o que gera alguma controvérsia interpretativa entre os estudiosos; cf. BEYE. *Epic and romance in the Argonautica*, p. 31, 82-83.

⁴ Para Beye, em *Jason as love-hero in Apollonius' Argonautica* (p. 53), trata-se de um ato “unheroic” e “an evil crime”, que reflete a alternância, no poema, entre amor e ódio, ou destruição. Na mesma linha coloca-se Porter, que, em *Tiptoeing through the corpses: Euripides' Electra, Apollonius, and the Bouphonia* (p. 264), classifica o ato como “unheroic”. Sansone classifica-o como “repugnante” em *Iphigeneia in Colchis* (p. 167).

Apolónio rejeitou, portanto, a versão de Absirto criança⁵ e Medeia autora única do crime.⁶ A crueldade do ato pode remeter para o filicídio da tragédia euripídiana, levando os estudiosos a verem neste episódio a metamorfose da “delicada jovem apaixonada” em “bruxa assassina”.⁷ O paralelo com a peça de Eurípides é reforçado pela forma como, na epopeia, a colca reage,⁸ quando, indignada e ressentida, se convence de que iria ser restituída ao pai. Mas o seu ressentimento não é senão o reflexo de uma insegurança de que já dera provas ao hesitar entre o suicídio e a vida (3.806-819). E a sua indignação deriva de ser filha de Eetes, de quem se revela herdeira legítima nos excessos coléricos que a levam a pensar incendiar Argo (4.391-392), tal como o pai (3.582).⁹ A promessa de casamento que Jasão lhe faz diante dos argonautas, quando embarca (4.95-98), deveria tranquilizá-la, não fosse o modelo paterno ter-lhe inculcado uma desconfiança xenófoba. Com o pai, que Medeia reconhece diferente de Minos (3.1106-1107), aprendera que os acordos não são fiáveis (3.1105-1108),¹⁰ por isso é-lhe fácil entrever intenções de os violar.

Mas não são apenas os modelos educativos e a consciência dividida de Medeia (4.360-362) que explicam a sua indignação e ressentimento. Duvidar das intenções dos argonautas a seu respeito deriva de ainda se considerar – e ser realmente sentida, pelos companheiros de viagem, assim – um elemento forasteiro. Lembremos que Jasão recusara a participação de Atena na viagem por recear os efeitos da presença do sexo feminino entre os tripulantes (1.771-773).¹¹ O sentimento de que é uma intrusa fica bem claro quando o grego lhe explica a motivação dos colcos para a perseguição: “por tua causa”

⁵ Segundo Ferecides, Absirto foi tirado do berço para embarcar na expedição; Medeia tê-lo-á sufocado e atirado ao rio Fásis quando se viu perseguida (Pherecyd. fr. 73 a). Em *Creative selectivity in Apollonius' Argonautica* (p. 28-29), Jackson comenta a alteração introduzida por Apolónio na tradição relativa à idade de Absirto.

⁶ E. *Med.* 167, 1334. O escoliasta de E. *Med.* 167 considera que Medeia matou o irmão com veneno. Em Apollod. 1.23-24 Medeia desmembrou Absirto, que partira com os argonautas, para travar a perseguição do pai; esta versão explica o topónimo Tómis (do gr. τέμνω, “cortar”), lugar onde Eetes enterrou os membros do filho resgatados ao mar. Em Ov. *Tr.* 3.9.25-28 e em Sen. *Med.* 131-133, 486-487, também fica claro que é ela a autora do crime. Em Call. fr. 8 e em S. fr. 343 Radt, não se percebe quem mata o jovem. Em Hyg. *Fab.* 23, que segue a versão de Apolónio, é Jasão que o mata.

⁷ BYRE. *The killing of Apsyrtus*, p. 3. Hutchinson, em *Hellenistic poetry* (p. 128), vê o ato de Medeia contra Absirto como o início da deterioração da relação do casal. Na esteira da tese de Willamowitz-Moellendorf, segundo a qual Apolónio dependeria de uma tragédia que trataria o tema do assassinio de Absirto, interessa a Sansone (*Iphigeneia in Colchis*, p. 166), a relação deste episódio com a peça de Eurípides intitulada *Ifigénia entre os Tauros*.

⁸ Cf. E. *Med.* 475-482 e A.R. 4.361-368. O contexto é, no entanto, diferente; em Eurípides, o abandono é inequívoco; em Apolónio, Medeia não tem a certeza do que se prepara realmente. A relação advém naturalmente de uma coincidência, mas, na verdade, as suas palavras, em qualquer um dos textos, retomam um motivo tópico, o da heroína que foge com o ser amado, abandonando (e traindo) a pátria, a família, casa. O modelo é Helena, que diz a Príamo: “Quem me dera ter tido o prazer da morte malévol, / antes de para aqui vir com o teu filho, deixando o tálamo, / os parentes, a minha filha amada e a agradável companhia / das que tinham a minha idade” (3.173-176; LOURENÇO. *Homero. Ilíada*, p. 79); Cf. GREEN. *The Argonautika by Apollonios Rhodios*, p. 308.

⁹ MORI. *The politics of Apollonius Rhodius' Argonautica*, p. 125.

¹⁰ MORI. *The politics of Apollonius Rhodius' Argonautica*, p. 172.

¹¹ Cf. VIAN. *Apollonios de Rhodes. Argonautiques. Chants I-II*, p. 88, notas 1 e 2.

(4.398). De facto, os colcos já só pretendiam reaver Medeia; do velo estavam realmente dispostos a abdicar (4.341-349). Eetes explicara-lhes, de forma bastante clara, ao enviá-los, que sem a filha nem valeria a pena pensarem em regressar (4.230-235).

Ao ler o poema de Apolónio de Rodes convém ter presente que o amor do par se insere num quadro mais amplo, objeto da narrativa – a viagem –, e que os heróis do poema são os argonautas considerados no seu conjunto. Além disso, se o poeta pretendesse salientar a perfídia de Medeia, seria preferível apresentá-la claramente quer como autora do estratagema quer como perpetradora do ato.

É, em nossa opinião, muito duvidoso que a colca seja realmente a autora do plano,¹² pois, antes de a princesa falar, Jasão referira precisamente as vantagens da morte de Absirto (4.404-409). A frase com que Medeia aceita essa hipótese, “se te agrada, não me oporei” (εἰ τοι... ἐφ’ανδάνει, οὐ τι με γάρω, 4.419-420), repete fielmente as palavras do Esónida a Argo, o filho de Frixo e Calcíope (3.485) que se dispõe a ir ter com a mãe para procurar ajuda. Naquele passo do livro III, o plano é de Argo, e Jasão manifesta a sua concordância; neste passo do livro IV, o plano é de Jasão e a princesa apenas o avisa da sua anuência.¹³ E parece que não se tratava de um estratagema que merecesse ao grupo desaprovação. De facto,

¹² Cf. JACKSON. *Creative selectivity in Apollonius’ Argonautica*, p. 29ss. Esta leitura não contrária, parece-nos, o facto de o narrador imputar a responsabilidade do assassinio ao amor de Medeia. Dizer que foi ela que “prostrou o irmão com funesta morte, no momento em que ele ia ao seu encontro” (4.450-451), tendo Eros lançado “no seu espírito odioso desvario” (4.449), apenas confirma a importância da princesa na expedição (e no livro IV). Na verdade, esta tem tanto a capacidade de salvar Absirto como a de o perder, pois, se se tivesse oposto ao assassinio do chefe da expedição dos colcos, ambos os irmãos teriam acabado os seus dias em Ea. O narrador, sabendo bem que, sem a anuência da jovem princesa, Absirto teria tido diferente sorte, considera determinante o papel de Medeia no estratagema. Além disso, não esqueçamos que foi Eros que despoletou, ao inflamar de amor o coração da jovem (3.275-287), a ira de Eetes e a conseqüente perseguição de que é alvo. Para Berkowitz, em *Public narration in Apollonius’ Argonautica* (p. 85), esta alusão a Eros confirma a sua tese de que é o desejo de Medeia por Jasão que a motiva a participar no assassinio de Absirto.

¹³ As opiniões dos estudiosos divergem uma vez mais. Para Byre, em *The killing of Apsyrtus* (p. 7-8), Jasão improvisa rapidamente um plano “para aliviar os medos dela e acalmar a sua ira”, mas “pode estar a dizer a verdade”. Para Paduano, em *Studi su Apollonio Rodio* (p. 224-225), a explicação do Esónida é “demasiado súbita”, reflexo da sua incapacidade em se “opor à vontade ativa de outrem”. Para Vian, em *Apollonios de Rhodes. Argonautiques. Chant III* (p. 21-22), Jasão fala com honestidade. Em *Medea’s flight: The fourth book of Argonautica* (p. 131), Hunter lembra que, independentemente de as palavras de Jasão corresponderem, ou não, a um plano previamente delineado, a dificuldade interpretativa do passo deixa o leitor na mesma incerteza em que Medeia se encontra no livro IV. Semelhante aporia volta a ser sublinhada pelo estudioso, em *The Argonautica of Apollonius of Rhodius, Literary Studies*, p. 15. Para os que defendem que a morte à traição, *δολοκτασία*, não poderia ser ideia original de Jasão, pois punha em causa o seu estatuto de herói, lembramos a leitura de Mori, que, em *The politics of Apollonius Rhodius’ Argonautica* (p. 201), considera que a *δολοκτασία* não seria “culturalmente codificada como um ato vil ou covarde”, pois também Aquiles mata assim o jovem Troilo, fazendo-lhe uma emboscada em local sagrado, perto do templo de Apolo. Este episódio, muito representado em vasos áticos do séc. VI a.C., tem por vezes a presença da irmã Políxena, o que sugere o paralelo das duas situações. Embora na epopeia homérica nada se diga sobre a morte de Troilo, as emboscadas, *λόχοι*, às quais a elite grega se dedicaria são mencionadas por Aquiles quando censura Agamémnon por não estar a tomar parte nelas (*Il.* 1.227-228). Bremmer, em *Why did Medea kill her brother Apsyrtus?* (p. 87-88), refere o assassinio de Troilo para colocar a hipótese de que poderia ter havido um poema arcaico sobre os argonautas que se inspiraria no ciclo troiano; nas p. 84-85, expõe a forma como, na sua ótica, os gregos olhariam o ato de Jasão contra Absirto.

Pelego, em assembleia, lembra aos companheiros que a morte de um chefe é estratégica, porque dissemina entre os homens que perdem o seu líder a discórdia e o desânimo (4.497-500). As palavras deste argonauta, que confirmam o que Jasão dissera a Medeia, em colóquio privado, evitam o surgimento de alguma dissensão, como se verificara em Lemnos, quando Hércules se revoltara com o facto de a tripulação se devotar às delícias do amor (1.865-874). Nem o chefe dos argonautas, que defendia a decisão sustentada na opinião da maioria (3.172-175; 4.1336), agiria contra nem às ocultas da tripulação.¹⁴ A cumplicidade do grupo confirma-se, aliás, pelo facto de este só avançar sobre os colcos depois do sinal de Medeia (4.482-487): houvera um pacto prévio ao encontro fatal, que torna todos coniventes do crime. Isso mesmo é confirmado pelo subsequente castigo de Zeus, que não poupa nenhum dos argonautas. A mancha de sangue que conspurca as roupas da jovem, no momento do assassinio do irmão (4.473-474), representa a mácula que todo o grupo terá de expiar.¹⁵

Deste modo não há por que interpretar como ludíbrio a circunstância de a jovem princesa procurar um circunlóquio privado (4.352-354). Encontramos, ao longo do poema, várias conversas desprovidas de intenções pérfidas, em que participam apenas dois intervenientes. Lembremos o diálogo de Hipsípila com Jasão, em que aquela explica ao chefe dos argonautas as intenções das mulheres de Lemnos (1.848), ou a conversa que Argo tem com Jasão sobre a ocasião ideal para ir ao encontro de Medeia (3.913-916).

Também não nos parece que Jasão aja por medo, não obstante o narrador se servir do particípio *ὑποδδίσας* para definir o estado de espírito da personagem (4.394). Em nossa opinião, a “ira pesada” da resposta da princesa (4.391) explica a reacção de quem conhece bem os excessos coléricos daquela cruelíssima família. O mesmo verbo *ὑποδείδω* identifica, aliás, o estado de espírito de Argo, depois das palavras hostis de Eetes (3.368 e 385-ss) à sua cordata explicação sobre as suas intenções. E o sentimento do argonauta traduzido pelo verbo não é incompatível com um fortíssimo ensejo de responder de forma agressiva ao rei (3.382-384). O medo não o tolhe, portanto. É Jasão que, provando dominar a situação,¹⁶ o trava cautelosamente (3.384-385).

¹⁴ Em *Apollonius lyricus* (p. 184-185), Rosenmeyer aborda esta forma de Jasão se posicionar no grupo como reflexo do seu constante medo. Jackson, em *Creative selectivity in Apollonius' Argonautica* (p. 30-31), tem outra perspectiva e considera *ἀμήχανος* uma variação do homérico *πολύμητις* aplicado a Ulisses.

¹⁵ Discutem os estudiosos se pode a mancha de sangue resultar de um ato deliberado. Para Fränkel, em *Noten zu den 'Argonautika' des Apollonius* (p. 498); Beye, em *Epic and romance in the Argonautica* (p. 164), e Hutchinson, em *Hellenistic poetry* (p. 127), o sangue é lançado propositadamente por Absirto. Bremer (*Full moon and marriage in Apollonius' Argonautica*, p. 425) e Byre (*The killing of Apsyrtus*, p. 14, n. 36), defendem a ideia contrária, considerando acidental, portanto, “both the staining and the being stained”.

¹⁶ Consideramos que o Esónida domina, ao longo da viagem, tanto Medeia como a tripulação. Assim, lembremos que, no momento em que aquela embarca, ele a segura com firmeza, evitando que se atire ao mar (4.108). E, no episódio do velo de ouro, está longe de desempenhar um papel passivo, como defende Hunter (*Short on heroics': Jason in the Argonautica*, p. 451-452). Na verdade, ao chegar ao barco, impede eficazmente os companheiros de tocarem no velo e instala, de forma resoluta, a princesa na popa (4.187-189). Em Eeia consegue que a tripulação resista ao convite de Circe e mostra segurança e determinação junto de Medeia, que tremia de medo (4.688-689, 750-752). Inúmeras situações provam que Jasão está atento, pronto a reagir, e se sobrepõe aos demais sempre que é necessário. A respeito da controversa questão da heroicidade do Esónida, remetemos para a forma admirável como Mori, em *The politics of Apollonius Rhodius' Argonautica*, reabilita a personagem. Para uma perspectiva sucinta e clara da posição negativa da crítica, vejam-se as notas 132 e 133 da p. 83 do estudo de Mori.

Apesar de admitir a morte do irmão, e aceitar tomar parte nela, Medeia está consciente da poluição do ato¹⁷ quer antes de ele acontecer quer durante o crime quer depois. A omissão do objeto da ação criminosa ao proferir a ordem fatal, “mata”, κτείνε (4.420), no momento em que declara a sua concordância, espelha o constrangimento. Em pleno crime, o medo de ter desencadeado a fúria das Erínias (4.475-476) fá-la desviar o olhar e cobrir a cabeça (4.465-466). Já no palácio de Circe, aonde os heróis se dirigem em demanda de purificação, Medeia evita falar de Absirto (4.736-737) e, depois das palavras da feiticeira, fica a tremer de medo (4.751-752). Aliás, o derramamento de sangue dentro da família não podia desencadear senão horror e reprovação, como no caso de Orestes.¹⁸

Uma vez eliminado Absirto, tem início a metamorfose da jovem princesa, que de bárbara se começa a transformar em grega. Assim, depois do massacre dos colcos, ela participa, pela primeira vez, na reunião dos argonautas (4.493).¹⁹ Mas, em Drépano, na corte de Alcínoo e Arete, com a chegada da segunda expedição de resgate, fica claro que ainda não está concluído o processo de metamorfose. Este é o momento em que se mostrará se continua, ou não, a ser um elemento alheio à expedição e uma bárbara aos olhos dos povos gregos. Volta, por isso, as suas súplicas tanto para a rainha Arete, cuja ajuda representa a inclusão de Medeia no mundo grego, como para os argonautas, cujo apoio será sinónimo da forma como passa a ser integrada na missão. E, consciente da importância de qualquer um dos lados, a filha de Eetes dirige-se-lhes, a ambos, de forma insistente (πολλὰ μὲν... πολλὰ δὲ..., 4.1011-1013).

Aos argonautas Medeia recorda a sua ajuda na conquista do velo, de forma a envergonhá-los, caso não se dispusessem a lutar por ela (4.1047-1052), estratégia semelhante à que usara junto de Jasão (4.366-368). Mas, ao mesmo tempo, para lhe ser mais fácil, talvez, cativá-los, e sobretudo para evitar alguma divergência de opinião, ela suplica a “cada um” (4.1030). E todos, sem exceção, se mostram dispostos a combater

¹⁷ E também Jasão está consciente da poluição de um ato que é praticado em local sagrado. Lembremos que, ao encontrar-se pela primeira vez a sós com Medeia, no templo de Cípris, receoso de alguma má intenção por parte da princesa, Jasão refere que seria uma violação da θέμις praticar, naquele local, qualquer ofensa (3.981). Depois de matar Absirto, o narrador explica o comportamento do Esónida usando o conceito de θέμις (4.479). A inexistência de fontes que permitam compreender o ritual levado a cabo dificulta a interpretação do passo; cf. GREEN. *The Argonautika by Apollonios Rhodios*, p. 313. Para Hunter (*The Argonautica of Apollonios Rhodius. Literary Studies*, p. 21), o ritual evoca o desmembramento de Absirto-criança na versão trágica. Segundo o estudioso, aliás, aponta no mesmo sentido a declaração de Jasão de que devia ter preferido que lhe partissem membro por membro a aceitar a ordem de Pélias (2.626). Bremmer (*Why did Medea kill her brother Apsyrtus?*, p. 84), faz derivar o μίασμα da δολοκτασία.

¹⁸ Jasão evoca Orestes, afastado do palácio real para crescer em segurança e necessitado de purificação, depois de cometer um crime que torna o visado – Egisto (E. *El.* 839-843) e Absirto (A.R. 4.468) – uma vítima de sacrifício (HUNTER. *Short on heroics: Jason in the Argonautica*, p. 449). As semelhanças entre a morte de Absirto e a morte de Agamémnon são sugeridas pelo facto de A.R. 4.468 reformular Od. 4.535: “Depois que Agamémnon jantou, Egisto matou-o como a um boi” (Od. 11.411; LOURENÇO. *Homero. Odisseia*, p. 81).

¹⁹ Vian chama a atenção para esta presença de Medeia, que contrasta com a posição marginal que até então tivera nas deliberações do grupo (*Apollonios de Rhodes Argonautiques. Chant IV*, p. 91, n. 6).

por ela: num gesto típico de conjurados, desembainham as espadas (4.1055-1057) e confirmam o novo estatuto da jovem princesa enquanto argonauta.

À rainha ela explica o que motivara a sua fuga: os “múltiplos tormentos ultrajantes” que a esperariam se caísse nas mãos do pai (4.1044). A ideia de que fora impelida por um “sobressalto odioso” (4.1022) parece ter impressionado Arete, que, ao interceder pela jovem, lembra a Alcínoo que de Eetes a filha fugitiva haveria de receber, caso lhe fosse restituída, “intoleráveis maus tratos” (4.1087-1088).²⁰ A resposta do rei deixa claro que a aceitação dos povos da Hélade implicava tornar legítima a relação do par. A mulher grega passa, juridicamente, da tutela do pai para a do marido, por isso Alcínoo declara a Arete que só não restituiria Medeia ao pai se a união se tivesse consumado (4.1106-1109). Para essa condição ser satisfeita, fora fundamental a morte de Absirto, que viera como representante legal, *ἀοσητήρ*, da irmã (4.406). De facto, só porque fora eliminado o obstáculo legal ao casamento da jovem, pode a condição de Alcínoo ser satisfeita e, ao mesmo tempo, o compromisso assumido por Jasão fica honrado.

No entanto, o ato que resolve a questão jurídica e que permite cumprir o juramento selado em nome de Zeus e de Hera Conjugal (4.95-96) é o mesmo que desencadeia a cólera divina (4.558). Pela primeira vez – e única (o que torna o episódio de Absirto o ponto nevrálgico do livro IV)²¹ – Zeus encoleriza-se com os heróis, impondo-lhes errância e purificação:

Assim que Absirto tombou estrondosamente, em toda a sua magnificência,
a ira apoderou-se do próprio Zeus, rei dos deuses, por terem agido assim;
decretou ele que, pelos propósitos de Circe de Eeia, haveriam de se purificar
do deletério sangue e que mil sofrimentos haveriam de experimentarantes do regresso.²²
(4.557-561)

Como forma de castigar o grupo pelo ato nefando, até chegar ao país de Circe, que os purificaria, os argonautas eram forçados a respirar, de dia, os fétidos vapores do corpo queimado de Faetonte, que emanavam dos afluentes do Erídano (4.620-623); de noite, escutavam os sonoros e agudos lamentos das Helíades que pranteavam o filho do deus (4.624-625). Estes odores nauseabundos são o reverso dos cheiros que haviam servido de engodo para o encontro fatal: a fragrância do manto de Hipsípile (4.430)²³ e as drogas encantatórias disseminadas no ar (4.442-443).

O facto de este tormento advir da morte do filho do Sol, que seria tio de Absirto²⁴ – que, aliás, também era designado como Faetonte pela juventude colca, como referimos

²⁰ Paduano discute o problema da motivação da fuga de Medeia (*Studi su Apollonio Rodio*, p. 201 ss.). Para Berkowitz, é, como vimos (n. 12), o desejo de Medeia por Jasão o que a impele (*Semi-public narration in Apollonius' Argonautica*).

²¹ MORI. *The politics of Apollonius Rhodius' Argonautica*, p. 143 e 187 ss.

²² Todas as traduções da *Argonáutica* de Apolônio de Rodos incluídas neste estudo são da nossa autoria. Seguimos a edição de Vian (Paris, Les Belles Lettres), que apresentamos em nota: *Αὐτόν που μεγαλωστὶ δεδουπότος Ἀψύρτοιο / Ζήνα, θεῶν βασιλῆα, χόλος λάβεν, οἶον ἔρεξαν· / Αἰαίης δ' ὀλοὸν τεκμήρατο δῆνεσι Κίρκης / αἴμ' ἀπονιψαμένους πρό τε μυρία πημανθέντας / νοστήσειν* (*Apollonios de Rhodes. Argonautiques. Chant IV*, p. 94)

²³ O “poder erótico” do manto merece uma sugestiva análise a Byre (*The killing of Apsyrtus*, p. 11).

²⁴ Eetes é filho do Sol (1.175, 2.1204, 3.309).

(3.245-246) – sugere uma ligação com o filho de Eetes. E a relação entre as emanções “intoleravelmente” nauseabundas das águas (4.622) e a morte do jovem fica confirmada pela forma como Circe, atribuindo à sobrinha o assassinio, qualifica o ato: “intolerável” (ἄσχετα, 4.742), como “intoleráveis” haviam também sido as ameaças de Eetes ao seu povo (3.606) e como haveriam de ser os seus castigos sobre a filha, caso ela voltasse para Ea (4.1087-1088).

Depois de eliminado o obstáculo legal que era Absirto, depois de purificado o par em Eeia, depois de legalizada a união em Drépano, a nova grega intervém já com um novo estatuto no episódio de Talos. As suas palavras à tripulação que, desejosa de fuga, estremece de medo do gigante (4.1650), são:

Ouvi-me: penso que sozinha consigo prostrar para vós este homem,
seja ele quem for, mesmo que tenha um corpo de bronze,
a menos que possua uma força vital invencível.²⁵

(4.1654-1656)

É claro que, uma vez mais, são os seus conhecimentos singulares que lhe permitem derrotar o inderrotável, mas ela já não é uma estrangeira entre gregos. O recurso ao termo *μητις*, por parte do narrador (“esperavam ver que inopinado artifício ela poria em prática”, 4.1660-1661), elucida a forma como o grupo a escuta, expectante como antes, em face de outros argonautas. São frequentes as situações em que um dos tripulantes se destaca para dar provas da sua *μητις*, com a explicação prévia de um plano. Anfidamas falara da necessidade de uma estratégia adequada (2.1050) para enfrentar os pássaros da ilha de Ares, à semelhança do que Hércules fizera com as aves do lago Estinfalo (2.1058). A ideia de Anfidamas é classificada pelo narrador como um “eficaz artifício”, *ἐπίρροθοςμητις* (2.1068). De novo, quando Argo sugerira que procurassem a ajuda de Medeia, ele próprio considerara como “artifício” o plano que propusera (3.475). E de “artifícios” fala também Mopso, quando, para secundar as palavras de Argo, designa as estratégias usadas para persuadir a jovem princesa (3.548).

E, além de argonauta, ela é a esposa legítima do Esónida, como este tem o cuidado de lembrar. Na verdade, assim que, como novo argonauta, Medeia acaba de expor o seu plano, Jasão dá-lhe a mão (4.1663), para recordar a todos que, além do mais, ela é a sua mulher. Lembremos que, no primeiro encontro a sós, a jovem agarrara a mão direita do grego (3.1067-1068), gesto que este retribui ao prometer desposá-la, no momento em que embarca (4.99).²⁶ Ao guiá-la, antes de se iniciarem os encantamentos fatais sobre Talos, Jasão obsta a que da estupefação da assistência, inevitável logo que se iniciassem os rituais de magia, como demonstra a reação do próprio narrador (4.1673), adviesse reprovação ou repúdio por aquela que “conhecia de muitas drogas” (4.1677).

²⁵ *Κέκλυτέ μευ· μούνη γὰρ οἶομαι ὑμῖν δαμάσσειν / ἄνδρα τὸν ὅς τις ὄδ' ἐστί, καὶ εἰ παγχάλκεον ἴσχει / ὃν δέμας, ὅπποτε μή οἱ ἐπ' ἀκάματος πέλοι αἰών* (VIAN. *Apollonios de Rhodes. Argonautiques. Chant IV*, p. 140).

²⁶ A Hipsípila, pelo contrário, nunca faz promessas falsas, recusando a realza e a ilha que ela lhe oferece (1.836-841). No acordo que estabelece com a rainha, Jasão não agarra, *αἰρέω* (3.1067), nem encaixa, *ἀραρίσκω* (4.99), a sua mão na da jovem, apenas lhe toca a dextra (1.842).

Em suma, Medeia, que não partiu com os argonautas, regressa com eles. O mesmo acontece com os filhos de Calcíope, resgatados ao mar, quando naufragam a caminho de Orcómeno (2.1136). No entanto, enquanto estes são semigregos e é nessa qualidade que iam reclamar a sua herança, na nau cedida pelo avô, Medeia é uma estrangeira. Sendo mulher e sendo bárbara, teve de conquistar o seu estatuto no novo espaço, travando uma luta mais terrível do que a de qualquer argonauta, porque mais solitária.²⁷ Ela atravessa, sozinha, um caminho de gradual reconhecimento, ou seja, de conquista progressiva de um lugar que não lhe estava garantido.

O seu “batismo de sangue”, quando fica com as vestes conspurcadas com o sangue do irmão, torna possível Drépano, que é a altura em que vê legitimada a declaração que fizera ao grego de que é sua “filha, esposa e irmã” (4.368).²⁸ Perante Talos, ela age quer como legítimo argonauta quer como mulher legítima de Jasão. A integração da jovem bárbara no mundo grego e na viagem dos argonautas faz parte da história de Apolónio, cujos heróis são os que percorrem os mares na nau Argo; e a estes passa a pertencer também a mais nova princesa de Ea. Ariadne não recebeu essa integração, por isso não chega com Teseu à pátria grega; Medeia, pelo contrário, apoiada pela equipagem de Argo, chega a Iolco ao lado de Jasão. A crítica tem olhado para Medeia enfatizando a sua natureza bárbara, contudo na nossa perspetiva, se pensarmos no poema de Apolónio de Rodes, esta personagem não deve ser interpretada como um elemento estranho. Na verdade, ela consegue ver-se reconhecida como grega e como argonauta, colocando ao serviço da expedição o seu principal traço bárbaro: as artes de magia, que converte, paradoxalmente, num instrumento imprescindível para o êxito da missão de Argo.



²⁷ Não nos parece nem que Medeia se assuma como antagonista nem que obrigue Jasão a partilhar com ela a narrativa, fazendo este perder relevância, segundo opinião sustentada por Beye (*Epic and romance in the Argonautica*, p. 36). De facto, as provas, ἄεθλοι, impostas por Eetes foram superadas e concluídas, mas o labor, κάματος, dos argonautas, os heróis do poema, continua (4.1, 37, 364, 384, 993, 1276, 1320, 1374, 1433, 1584, 1776). Clauss defende que Medeia não rouba o papel a Jasão (*Conquest of the mephistophelian Nausicaa: Medea's role in Apollonius' redefinition of the epic hero*, p. 150).

²⁸ Note-se a inversão de perspetiva relativamente ao poema homérico: enquanto Andrómaca centra as palavras no marido (“Heitor, tu para mim és pai e excelsa mãe; és irmão/ e és para mim o vigoroso companheiro do meu leito”, *Il.* 3.429-430; LOURENÇO. *Homero. Ilíada*, p. 144), Medeia opta por falar daquilo que ela é para Jasão (“Declaro que é como tua filha e como tua esposa/ e como tua irmã que te sigo para a terra da Hélade”, 4.368-369), o que tem a relevância, em nosso entender, não tanto de contestar o código grego que faz passar a mulher da tutela do pai para a do marido (BYRE. *The killing of Apsyrtus*, p. 9), mas sobretudo é uma forma de reclamar os seus direitos legais; cf. VIAN. *Apollonios de Rhodes. Argonautiques. Chant IV*, p. 162.

ABSTRACT

The barbarian Medea progressively grows into a Greek woman in Apollonius Rhodius' *Argonautica*. Apsyrtus' death is crucial in this development, for he was pursuing the Argonauts as a legal tutor, ἄσσητήρ, of his sister (4.406). With his disappearing, the legal obstacle is surmounted and the couple can finally marry. Alcinoos' support is therefore possible. In Drepane we realize that the younger daughter of Aeetes is no longer a foreign element and a barbarian. When the Argonauts swear for Medea's life (4.1055-1057) it is clear she had become a member of the crew. Later, before the iron giant (4.1660-1661) she holds this new position, which is endorsed by Jason's gesture in driving her by the hand through the boat (4.1663). Medea thus becomes an Argonaut and a Greek woman, although she can never hide her nature as a sorceress (4.1677). Our purpose is to emphasize this metamorphosis, which begins with Apsyrtus' death.

KEYWORDS

Apsyrtus's death; Medea; metamorphosis

REFERÊNCIAS

- BERKOWITZ, GARY. *Semi-public narration in Apollonius' Argonautica*. Leuven: Peeters, 2004. (Hellenistica Groningana 8)
- BEYE, C. R. Jason as love-Hero in Apollonios' *Argonautica*. *Greek, Roman, and Byzantine Studies* n. 10, p. 31-55, 1969.
- BEYE, C. R. *Epic and romance in the Argonautica of Apollonius*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1982.
- BREMER, J. M. Full moon and marriage in Apollonius' *Argonautica*. *Classical Quarterly* n. 37, p. 423-426, 1987.
- BREMMER, J. N. Why did Medea kill her brother Apsyrtus? In: CLAUSS, James; JOHNSTON Sarah (Ed.). *Medea: essays on Medea in myth, literature, philosophy and art*. Princeton: Princeton University Press, 1997. p. 83-100.
- BYRE, C. The killing of Apsyrtus in Apollonius Rhodius' *Argonautica*. *Phoenix*, v. 50, n. 1, p. 3-16, 1996.
- CLAUSS, J. J. Conquest of the mephistophelian Nausicaa: Medea's role in Apollonius' redefinition of the epic hero. In: CLAUSS, James; JOHNSTON Sarah (Ed.). *Medea: essays on Medea in myth, literature, philosophy and art*. Princeton: Princeton University Press, 1997. p. 149-177.
- FRÄNKEL, H. *Noten zu den 'Argonautika' des Apollonius*. München: C. H. Beck, 1968.
- GREEN, P. *The Argonautika by Apollonios Rhodios*. Berkeley: University of California Press, 2007.
- HUNTER, R. L. *The Argonautica of Apollonius of Rhodius: literary studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

- HUNTER, R. L. "Short on heroics": Jason in the *Argonautica*. *Classical Quarterly* n. 38, p. 436-453, 1988.
- HUNTER, R. L. Medea's flight: the fourth book of the *Argonautica*. *Classical Quarterly* n. 37, p. 129-139, 1987.
- HUTCHINSON, G. O. *Hellenistic poetry*. Oxford: Clarendon Press, 1988.
- JACKSON, S. *Creative selectivity in Apollonius' Argonautica*. Amsterdam: Adolf M. Hakkert, 1993.
- LOURENÇO, F. *Homero. Odisseia*, Lisboa: Livros Cotovia, 2003.
- LOURENÇO, F. *Homero. Ilíada*. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.
- MORI, A. *The politics of Apollonius Rhodius' Argonautica*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- PADUANO, G. *Studi su Apollonio Rodio*. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1972.
- PORTER, J. R. Tiptoeing through the corpses: Euripides' *Electra*, Apollonius, and the *Bouphonia*. *Greek, Roman, and Byzantine Studies* v. 31, n. 3, p. 255-280, 1990.
- ROSENMEYER, T. G. Apollonius lyricus. *Studi Italiani di Filologia Classica* n. 10, p. 177-197, 1992.
- SANSONE D. Iphigeneia in Colchis. In: HARDER, M. A.; REGTUIT, R. F.; WAKKER, G. C. (Ed.). *Apollonius Rhodius*. Leuven: Peeters, 2000. p. 155-172. (Hellenistica Groningana 4)
- VIAN, F. *Apollonios de Rhodes, Argonautiques. Chants I-II, v. 1, Chant III, v. 2, Chant IV, v. 3*. Paris, Les Belles Lettres, 2002, 2009.